

**Sontag, S. (2022). *Contra a interpretação e outros ensaios*.
Lisboa: Quetzal. 412 pp. ISBN: 978-989-722-689-2**

Fátima Lopes Cardoso

(Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa; ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova)

Escola Superior de Comunicação Social (ESCS-IPL), Campus de Benfica do IPL, 1549-014 Lisboa

ORCID: **0000-0002-7093-7881**

(mlcardoso@escs.ipl.pt)

Fátima Lopes Cardoso (short bio): Investigadora do ICNOVA/FCSH, professora adjunta na licenciatura em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa (ESCS) e jornalista. O processo de cruzamento entre a realidade e a ficção nas narrativas do jornalismo, tanto escritas como visuais, é o tópico mais omnipresente nos artigos e outros trabalhos científicos que tem desenvolvido.

Submissão: 5/11/2022

Aceitação: 18/11/2022

Resumo (PT): Considerado um dos textos maiores de Susan Sontag, *Contra a interpretação e outros ensaios* incita à reflexão, à desconstrução e à contestação de ideias-feitas sobre a arte e a crítica, em particular, a crítica literária. O texto que dá o título ao livro é um manifesto contra a tendência da crítica de criar significação sobre o conteúdo da obra tão distinta da intenção do autor no ato criativo. Alguns dos protagonistas citados ao longo de 412 páginas são os autores que Sontag mais admira ou a quem atribui um papel importante no pensamento e cultura contemporâneos, como Simone Weil, Albert Camus, Jean-Paul Sartre, Jean-Luc Godard, Alain Resnais, entre muitos outros.

Palavras-chave: Sontag, Ensaios, Interpretação, Crítica, Arte

Abstract (EN): Considered one of Susan Sontag's greatest texts, *Against interpretation and other essays* encourages reflection, deconstruction and contestation of preconceived ideas about art and criticism, in particular, literary criticism. The text that gives the title to the book is a manifesto against the tendency of critics to create meaning about the content of the work that is very different from the author's intention in the creative act. Some of the protagonists cited throughout the 412 pages are the authors she most admires or those to whom she attributes an important role in contemporary thought, such as Simone Weil, Albert Camus, Jean-Paul Sartre, Jean-Luc Godard, Alain Resnais, among many others.

Keywords: Sontag, Essay, Interpretation, Criticism, Art

Fenómeno Sontag: sobre a autora e a sua obra

É curioso que o livro *Contra a interpretação e outros ensaios*, que reúne 26 resenhas e artigos escritos por Susan Sontag, entre 1962 e 1965, em publicações tão diversas como *Partisan Review*, *The New York Review of Books*, *Book Week*, *Evergreen Review*, *The Second Coming*, *Moviegoer*, *Mademoiselle*, *The Nation*, *The Seventh Art*, *The Supplement*, do jornal *Columbia Spectator*, e *Commentary*, só tenha chegado à tradução portuguesa, numa primeira versão da editora Gótica, 38 anos depois da sua publicação original¹, em 1966, e tenha sido necessário passar 18 anos para uma segunda edição da mesma obra, em 2022, pela Quetzal². Apesar da existência da tradução em português desde 2004, para os leitores que têm menos contacto com a língua original, o pensamento de Susan Sontag acabou por se tornar mais familiar através das obras que a autora escreveu posteriormente sobre a natureza dos média e da cultura, em particular da fotografia, refletindo sobre o fascínio da técnica de registar o visível, mas sobretudo sobre o poder que esta exerce na sociedade e os perigos que representa.

*Ensaaios sobre fotografia*³ (1977-2012) ou *Olhando o sofrimento dos outros*⁴ (2003-2015) geraram o interesse, como se tivessem funcionado como rastilho para a editora Quetzal conseguir publicar as obras mais importantes – partindo da noção básica de que só haverá livro quando existir possibilidade de ser lido –, numa altura em que Susan Sontag já é considerada, no mundo globalizado, uma das maiores pensadoras do século XX, que combateu o preconceito, estereótipos sobre o papel das mulheres, mas também ideias-feitas sobre uma infinidade de temas que lhe causavam inquietação, nos quais se inclui a Guerra do Vietname, que tanto contestou, e as guerras do Golfo-Iraque. Bastará prestar atenção ao ano de publicação original dos dois livros para perceber o quanto a geopolítica dos conflitos preocupava Sontag (2012, p. 29) e como ela alertava para o facto de os

¹ Com o título original *Against interpretations and other essays*, a obra foi publicada nos EUA, em 1966, pela Farrar, Strauss and Giroux – a mesma editora que viria a publicar *On photography and regarding the pain of others*. *Against interpretations and other essays* foi finalista do *National Book Award*, na categoria de Arts and Letters (Artes e Letras).

² Na verdade, apesar da existência de uma primeira edição da Gótica datada de 2004, com tradução de José Lima, a editora Quetzal apresenta a obra como sendo uma 1.ª edição, uma vez que o livro lançado em 2022 é uma tradução inédita do inglês, realizada por Vasco Teles de Menezes, que também traduziu para português as obras *best-sellers* de Daniel Silva e foi coordenador de algumas coleções de livros lançados pelo *Ípsilon*, suplemento do jornal *Público*.

³ *On photography* (1977).

⁴ *Regarding the pain of others* (2003).

média fragilizarem as crenças mais ancestrais da Humanidade⁵, sempre com recurso “à caça à imagem” e ao impacto da amplitude da difusão, servindo-se do sofrimento dos outros para conquistar audiências (2012, pp. 25-32; 2015, p. 22).

Construído o fenómeno Susan Sontag pelas críticas que teceu à fotografia e à forma como a visualidade interfere no modo de pensar e de agir das sociedades contemporâneas, as obras que agora surgem traduzidas são, essencialmente, centradas na pensadora, que tende a transformar-se, ela própria, num ícone do século XX. O ano de lançamento de uma nova edição de *Contra a interpretação e outros ensaios* coincide com a publicação de *Renascer – Diários e apontamentos 1943-1963*⁶ (2022a), conjunto de textos-autorretrato que escreveu desde adolescente e que são o embrião do que viria a ser Sontag. Mas também do livro biográfico – controverso pela forma como expõe a sua vida pessoal – *Susan Sontag – Vida e Obra*⁷ (2022), de Benjamin Moser, vencedor do prémio Pulitzer de Biografia 2020, que tem, em Portugal, chancela da Objectiva. Já antes, em 2019, a Quetzal lançou *Histórias*⁸, um conjunto de contos que têm as vivências de Sontag como inspiração. Da Quetzal, podemos encontrar ainda *Ao mesmo tempo*⁹ (2011) e *A doença como metáfora/ A Sida e as suas metáforas*¹⁰ (2010), duas obras relevantes, mas que não obtiveram tanta atenção como os dois livros posteriormente traduzidos. Além das incursões pelo cinema, a escritora tornou-se igualmente um fenómeno literário da ficção com a reedição de *O amante de vulcão*¹¹ (2020), depois da tradução de *Na América*¹² (2009), pela Gótica.

⁵ O *The Art Newspaper*, edição de 5 de setembro de 2022, cita duas entrevistas raras que Susan Sontag deu, em 1978, ao *High Times*, a propósito do novo livro, *On photography*. A autora insistiu que o livro não era sobre fotografia (“*It’s not about photography*”). A ensaísta reiterou a ideia ao *The New York Times*, advertindo que não estava a escrever sobre fotografia, mas sobre a forma como nós somos na atualidade (“*the way we are now*”). Na altura, Sontag revelou: “O assunto da fotografia é uma forma de aceder às maneiras contemporâneas de sentir” (“*The subject of photography is a form of access to contemporary ways of feeling and thinking*”).

⁶ *Reborn: Journals and notebooks 1947-1963* (2008).

⁷ *Susan Sontag – Her life and work* (2019).

⁸ *Stories* (2017).

⁹ *At the same time: Essays & speeches* (2007).

¹⁰ *Illness as metaphor and AIDS and its metaphors* (1978).

¹¹ *The volcano lover* (1992).

¹² *In America* (1999).

Manifesto contra a interpretação

Na nota de *Contra a interpretação e outros ensaios*, Susan Sontag começa por escrever que o primeiro texto e aquele que intitula o livro coincidiu com a conclusão, em 1962, da obra ficcional *The benefactor* (1963) – ainda sem tradução em Portugal – e o conjunto de ensaios ficou terminado quando iniciou outro romance¹³. Neste período, ao mesmo tempo que imaginava o universo das personagens, a autora sentiu necessidade de refletir sobre a crítica à obra – em especial, sobre o universo literário, mas não só – e a forma como o observador/público a recebe. Sontag precisava de repor algum sentido no que deveria ser a importância de uma obra de arte, que nasce primeiramente da percepção que o artista tem do mundo para, depois, tornar possível uma experiência estética: “... queria revelar e clarificar os pressupostos teóricos subjacentes a determinados juízos de valor e gostos” (Sontag, 2022b, p. 9).

Enquanto escrevia e refletia, Sontag ganhou consciência da sua transformação como romancista e, ao mesmo tempo, constatou que os textos críticos se revelaram “um ato tanto de libertação intelectual como de expressão das ideias” (2022b, pp. 11-12). A autora confessava, no entanto, que a sensação de que esgotou os temas foi uma ilusão, uma vez que os problemas e os assuntos sobre os quais escreveu estão abertos a outras leituras:

...Continua a haver mais a dizer acerca deles por outras pessoas curiosas e dadas à reflexão, e talvez esta colectânea de algumas ideias recentes sobre arte venha a ter alguma relevância nesse sentido (*idem, ibidem*).

“Contra a interpretação” é considerado um dos ensaios mais importantes para compreender o pensamento de Susan Sontag, em especial a forma como ela vê a crítica e como se relaciona com a arte. Por isso se estranha a sua tradução portuguesa tão tardia (2004 e 2022). Na sua forma mais pura, o texto é um manifesto contra a interpretação, ou melhor, contra a tendência da crítica de criar significação ao tecer leituras sobre o conteúdo da obra, a maior parte das vezes, segundo Sontag, tão distantes da intenção do autor no momento da criação. É a apologia da inocência na experiência de apreciar arte.

A interpretação, com base na teoria extremamente duvidosa de que uma obra de arte é composta por elementos de conteúdo, viola a arte. Faz da arte um artigo pronto a utilizar, a enquadrar num esquema mental de categorias (Sontag, 2022b, p. 24).

¹³ Embora a autora não especificque, deverá referir-se a *Death kit* (1967).

A pintura abstrata foi, exemplificativa, criada contra a interpretação: “uma vez que não existe conteúdo, não pode haver interpretação (*idem, ibidem*).

O que a autora propõe, mais especificamente, é que a crítica ou comentário às artes se adapte aos novos ditames da modernidade e abandone a tendência para a categorização. A crítica deve existir, mas não insistindo em inventar significações. O conteúdo deve ser reduzido para que possamos ver a obra como esta realmente é.

Em tempos (tempos em que a grande arte era escassa), interpretar as obras de arte deve ter sido um ato revolucionário e criativo. Mas agora já não é. Do que não precisamos de todo hoje é de continuar a integrar a Arte no Pensamento ou (pior ainda) a Arte na Cultura (Sontag, 2022b, p. 29).

A autora defende que é preciso libertar a arte.

Hoje em dia, a transparência é o valor mais elevado e libertador da arte – da crítica. Transparência significa experimentar a luminosidade da coisa em si mesma, das coisas como elas são... A função da crítica deveria ser mostrar “como isto é o que é”, inclusivamente “que isto é o que é”, e não mostrar “o que isto significa” (*Idem, ibidem*, pp. 20-30).

Conteúdo e estilo

Em “Sobre o estilo”, o segundo texto, Susan Sontag questiona os juízos de valor instituídos pela crítica sobre o que é menos ou mais valioso numa obra. No discurso dos críticos, existe o consenso de que estilo e conteúdo são igualmente importantes. No entanto, a autora contesta a tendência da crítica para, na prática e mesmo que implicitamente, continuar a distinguir estilo *versus* conteúdo, referindo-se ao primeiro como um acessório decorativo (Sontag, 2022b, pp. 31-59). Naturalmente, um corpo não vive sem a alma, logo, o estilo pode ser entendido, em palavras de Susan Sontag, como a alma da obra (*idem, ibidem*, p. 34). Mas só identificamos o estilo de determinado período artístico pela consciência histórica que perdura conceptualmente. Em contrapartida, a visão da cultura moderna é a de uma arte transparente e desprovida de estilo, em que se acredita que o estilo subverte o conteúdo. “Falar do estilo é uma forma de falar da totalidade de uma obra de arte. E, como todo e qualquer discurso sobre totalidade, para falarmos do estilo é necessário recorrer a metáforas. E as metáforas enganam” (*idem, ibidem*, p. 33).

Desconstruir ideias-feitas

Nas palavras da ensaísta, “uma obra de arte vivenciada enquanto obra de arte constitui uma experiência e não uma declaração nem a resposta a uma pergunta. Uma obra de arte é uma coisa no mundo e não um mero texto ou comentário sobre o mundo” (Sontag, 2022b, p. 39). É com esta convicção que desafia a crítica a reformular a sua forma de escrever sobre arte. Mesmo que subtilmente, nestas suas “metacríticas” perpassa sempre a ideia central: “Pouco importa se os artistas pretendem ou não que as suas obras sejam interpretadas” (*idem, ibidem*, p. 23). Talvez por isso admita que só escreve sobre as obras ou sobre os autores que aprecia ou que lhe suscitam interesse como ponte para pensar o mundo/humano ou as tendências da arte, sem qualquer intenção de atribuir valores (*idem, ibidem*, pp. 9-10). Como sempre, *Contra a interpretação e outros ensaios* é um convite à reflexão, à desconstrução de ideias-feitas, no caso particular destes ensaios, em grande parte centrados na literatura. Para além dos muitos nomes citados ao longo das 412 páginas, alguns protagonistas destes seus primeiros ensaios são, precisamente, os autores que mais admira ou a quem atribui um papel importante no pensamento contemporâneo, como Cesare Pavese, Simone Weil, Claude Lévi-Strauss, Albert Camus, Michel Leiris, Georg Lukács, Jean-Paul Sartre, Nathalie Sarraute, Robert Bresson, Jean-Luc Godard, Jack Smith, Alain Resnais e, entre outros, Norman O. Brown.

REFERÊNCIAS

- Moser, B. (2022). *Sontag: Vida e obra*. Objectiva.
- Seymour, T. (2022). Susan Sontag’s influential 1977 book *On Photography* is reissued. <https://www.theartnewspaper.com/2022/09/05/in-pictures-susan-sontags-influential-1977-book-on-photography-is-reissued>.
- Sontag, S. (2003). *Olhando o sofrimento dos outros*. Gótica.
- Sontag, S. (2004). *Contra a interpretação e outros ensaios*. Gótica.
- Sontag, S. (2012). *Ensaio sobre fotografia*. Quetzal.
- Sontag, S. (2015). *Olhando o sofrimento dos outros*. Quetzal.
- Sontag, S. (2022a). *Renascer – Diários e apontamentos 1943-1963*. Quetzal.

Sontag, S. (2022b). *Contra a interpretação e outros ensaios*. Quetzal.